

# "EU INVENTEI A LOIRA FANTASMA"

**Ex-repórter do jornal  
Notícias Populares confessa:**

***"Tudo não passou  
de uma farsa!"***

**Entrevista: Rute Domitila • Fotos: André Sader**

"Chegamos à uma hora da tarde na redação e não havia acontecido nada naquele dia. Ligamos para o IML, ninguém estuprou ninguém, nenhum amante se suicidou... Era, enfim, um domingo tedioso. Caiu na nossa mão uma foto de uma funcionária do jornal, encarregada do tráfico interno. A foto estava com um borrão. Alguém disse que ela estava parecendo um fantasma. Eu gritei: 'Está aí a manchete – Loira Fantasma Aparece Em Banheiro De Escola'."

Assim nasceu a lenda. O ex-repórter Mário Luiz Serra trabalhava no jornal *Notícias Populares*, em 1966, quando criou a manchete que mudou a história sobrenatural do Brasil.

Hoje, Mario Luiz Serra é um respeitável professor de inglês e literatura do cursinho Universitário, em Jundiaí. Resistiu muito a dar esta entrevista e se recusou a ser fotografado. Mas fala com nostalgia de seu tempo como repórter.

**Que história é essa da Loira Fantasma?**

Preciso contar uma historinha antes. Eu estava saindo de um jornal, o *Última Hora*, desempregado, em 1966. No Rio este jornal fechou em 1964. Aqui durou mais dois anos. Havia um jornal aqui em São Paulo, o *Notícias Populares*, es-

pecializado em concursos públicos, previdência social, aposentadoria. Era um jornal eminentemente municipal. Vendia só em São Paulo. Fui procurado por uma pessoa que era o chefe de redação do *NP*, que estava saindo e me indicou, fazendo a advertência de que o *NP* corria risco de fechar também – a tiragem era pequena. Fui junto com um amigo. Recebemos uma proposta indecente: havia um salário, baixíssimo, que devia ser dividido em três. Pra ser viável o jornal deveria vender três vezes mais. Tomamos. Um terço de salário era melhor do que ficar desempregado. Fomos lá e começamos a tentar usar a criatividade simples e transformar o que não era notícia em notícia. Nossa equipe era especializada em fazer envieses.

**Vocês não tiveram nenhum problema com esses envieses?**

Teve uma história engraçada e complicada. A manchete dizia que a Jacqueline Kennedy ia dar o chute inicial no jogo do SAAD, que era um time de Santo André, se bem me lembro. O Consulado Americano fez protestos, quis processar a gente e provamos que isso era verdade. Só que a Jacqueline Kennedy (o nome era usado entre aspas) era, na verdade, um travesti.

Ainda teve o episódio do disco voador.



Tínhamos uma foto de uma falha no gramado do trevo de Sorocaba e a gente disse que ali tinha descido um disco voador. Exageramos mesmo: dissemos que o disco retornaria ao lugar e marcamos até a data. Como o jornal só circulava na capital e o fato aconteceria em Sorocaba, não haveriam maiores problemas. Conclusão: congestionamento de mais de 20 Km na Raposo Tavares.

Aconteceu que um dia, numa conversa de botequim, um psiquiatra famoso, Fábio Gikovate, falou: "O que vende é sexo e violência".

**Estava dada a fórmula...**

Apareceu uma história maluca. Num domingo, chegamos à uma hora da tarde na redação e não havia acontecido nada naquele dia. Ligamos para o IML, ninguém estuprou ninguém, nenhum amante se suicidou... Era, enfim, um domingo tedioso. Caiu na nossa mão uma foto de uma funcionária do NP, encarregada do tráfico interno.

**Você lembra o nome dela?**

Era um nome próximo de Luzinete, Ivonete, uma Nete, não lembro direito. E ela era uma mulher muito gostosa. Todo mundo tinha terríveis intenções para ela. E ela não sobrava pra ninguém. A foto dela que tínhamos estava com um borrão. Ficamos discutindo o que fazer. Pensamos até em repetir uma manchete que havia causado certo furor - "Morte no Treme-Treme" (de imediato as pessoas acharam que se tratava de morte ocorrida em prédios de São Paulo; na verdade, estávamos nos referindo ao terremoto no Chile). E aí aparece a foto da moça. Alguém disse que estava parecendo um fantasma. Eu gritei: "Está aí a manchete!". Fomos compor e o título que deu foi "Loira Fantasma

Aparece Em Banheiro De Escola".

**A escolha da manchete foi aleatória?**

Sim. Bolamos a manchete de acordo com o número de caracteres que precisávamos. Assim que o jornal saiu, fomos comer e passamos em uma banca de jornal. Não tinha nenhum NP. Perguntamos ao jornaleiro o que havia acontecido com o jornal e ele nos contou que já havia esgotado.

**Qual foi a reação de vocês?**

Nós não entendemos nada. Só sei que muita gente ligou para a redação afirmando que também tinha visto a Loira

Então nascia outro e mais outro leitor. Quem quisesse tinha que comprar o jornal. Sendo assim, começamos a trabalhar com nossas teorias. Quando a manchete era de violência explícita, por exemplo, "Matou A Mãe Com Machadadas", sabíamos que o jornal venderia bem na zona leste, venderia menos no centro e zona sul e assim por diante. Podíamos prever o que aconteceria com a vendagem do jornal.

**E a Loira Fantasma? Não havia, na época em que vocês inventaram a história da Loira, nenhum boato, nenhuma informação de que corria pela cidade uma história dessas?**

Nada. Tudo começou com a foto da funcionária. A gente usou o banheiro como palco para a aparição dela, repito, por mero acaso, necessidade de fazer valer o espaço da manchete. Um tempo mais tarde, fui fazer um curso de

Jung e cheguei nos arquétipos e consegui entender melhor essa história.

**Então me explica.**

Primeira informação: pais de morenos, loiros são minoria. Segunda informação: o grande local do sexo solitário é o banheiro. O banheiro de escola então nem se fala... Mexemos no vespeiro que é essa coisa do arquétipo. O Minas teve uma experiência anos mais tarde com a Gillete. Ele participou da campanha do Platinum Plus, que era uma Loira Fantasma que aparecia no banheiro. A própria Gillete se surpreendeu com o resultado da vendagem.

**E por onde anda essa moça que foi a responsável pela história toda?**

Ela não acreditou que a foto era dela por causa do borrão, bem no rosto.

**Ah, o borrão é o algodão...**

O borrão é o algodão que as pessoas

**"Demos a manchete: 'Loira Fantasma Era Farsa'. Ninguém acreditou no desmentido"**

Fantasma no banheiro de escolas.

**Como chamam os outros criadores da Loira?**

Minas Conjumijan e Sérgio Costa, já falecido. Nós três criamos a Loira Fantasma.

**Essa estratégia não é um tanto quanto arriscada? O leitor não se sentia traído? Ele compra o jornal com a manchete "Cachorro Faz Mal À Moça", achando que vai encontrar a história do cachorro que estuprou a moça e, na verdade, trata-se da intoxicação com o cachorro-quente.**

Corríamos o risco do leitor se sentir sacaneado e nunca mais querer ler o jornal. Mas nós descobrimos que nossos leitores tinham uma estratégia que era mais ou menos assim: mostravam o jornal para outras pessoas, despertavam a curiosidade, mas não o emprestavam.





viam. Essa história rendeu muito. Uma coisa surpreendente: você acha que essa Loira aparecia em que escolas?

**Nas situadas em regiões periféricas, talvez...**

Eu também achava. Mas a Loira apareceu em todo tipo de escola. Tem uma história que aconteceu no Colégio Rio Branco, quando ainda se localizava em Higienópolis. Um dia entra uma senhora rodeada por um bando de mocinhas todas em prantos. Tinham acabado de ver a Loira. Não dava pra não rir. A senhora era a diretora da escola. Ouviu as meninas gritando, foi ver o que era, pegou a máquina fotográfica e fotografou a Loira. Pensei: "Se esta mulher estiver com uma foto da Loira, eu vou me internar". Mandamos o filme para o laboratório e, quando ficaram prontas as fotos, cadê a Loira? As fotos eram de um banheiro vazio. A senhora gritou: "Está vendo como é fantasma? Se fosse gente tinha saído nas fotos!"

**Chegando nesse ponto, a coisa estava ficando complicada. Vocês não pensaram em publicar uma matéria revertendo ou encontrando uma outra saída para a Loira?**

Fomos conversar com um psiquiatra, Miguel Possi Neto. Segundo ele, não bastava a gente dizer que tudo aquilo era mentira, o problema maior era fazer o leitor acreditar que era mentira. Nos fez então uma proposta: publiquem que é mentira e verão se os leitores acreditam ou não. Nessa altura nós estávamos recebendo pressões de todos os lados, inclusive da Secretaria da Educação. A molecada não queria ir ao banheiro.

**Eu mesma só ia em casa.**

As pessoas que não conseguiam se controlar, usavam os corredores, a própria sala de aula. Isso criava um grande problema. Então demos a manchete:

"Loira Fantasmas Era Farsa". Ninguém acreditou no desmentido. Recebíamos telefonemas absurdos, dizendo que estávamos escondendo alguma coisa. A Loira continuou aparecendo.

**A Loira Fantasma não foi só vista em São Paulo.**

Não. Ela pegou inicialmente a Anhanguera e foi aparecendo em outras cidades, daí em outros estados.

**E a tal da Luzinete nem lucrou com a história da qual foi protagonista.**

Nada. Pior que isso. Uma prima dela jurou que também tinha visto a Loira.

## "Para substituir a história da Loira Fantasma, criamos o Bebê Diabo"

**Você tem idéia do paradeiro dela?**

Há um tempo atrás eu soube que ela havia se casado e tinha um restaurante no caminho de Bertioga.

**Para acabar ou diminuir a importância de uma história, nada melhor do que inventar outra.**

Para substituir a história da Loira Fantasma, criamos o Bebê Diabo.

**Como começou essa história?**

Nasceu um menino no Hospital das Clínicas com as duas bossas da cabeça proeminentes. Na verdade não eram tão pronunciadas assim... Foi efeito fotográfico proposital. O Minas tinha acabado de assistir *O Bebê De Rosemary* e daí nasceu o Bebê Diabo. Fomos até o Hospital das Clínicas, localizamos o bebê. O pai, uma pessoa muito simples, disse que se nós dêssemos uma foto para ele, tudo bem, poderíamos usar a história. É claro que não podia ser assim. Oferecemos leite por um determinado tempo e fizemos um contrato com a família. Com

respaldo "legal", usamos e abusamos da história. Dizíamos que o bebê andava no telhado da casa, que ele havia sorriso diabolicamente para a enfermeira e outros absurdos. Acho que posso te contar essa história agora porque a pessoa já morreu. Na época, o sr. Otávio Frias recebeu pressão da Igreja Católica. Já começavam a aparecer em São Paulo Igrejas do Diabo. Apareceu uma em Itaquera, outra na Vila Nova Cachoeirinha.

**Você ficou quantos anos no NP?**

Só dois anos. Tempo suficiente para mexer com nossos colegas da imprensa.

Nos chamavam (criadores da Loira e do Bebê) de cafetões da Loira, de exploradores de cafetões da Loira, de exploradores de criancinhas. Diziam que agíamos de má fé e eu te digo que nós só agíamos. Éramos irresponsáveis. É claro que tudo isso dava um certo mal-estar. Saí de lá e fui pra revista *Realidade*.

**Irresponsáveis?**

Não é bem isso. Éramos amadores enlouquecidos com uma redação nas mãos. Irremediavelmente politicamente incorretos. É tudo o que eu queria hoje.

**O NP hoje...**

Vou confessar que todos os dias eu passo pelas bancas e o procuro. Gosto dele. Ele me diverte (e isso é fundamental). Estamos acostumados a ordenhar as grandes vacas que são *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *A Folha de São Paulo*. Mas os grandes jornais de São Paulo são *O Diário Popular* e *Notícias Populares*.

Se eu tivesse que voltar a ser jornalista, gostaria de trabalhar no NP. É muito mais divertido. É muito mais honesto. É muito mais coerente. Distorce a verdade como todo jornal faz, mas assume isso e diverte. Neutro é o defunto que está no cemitério. Esses jornais que ficam com essas pretensões de neutralidade são cínicos.

